

A ATUALIDADE DE MARX ENSAIO DE **JORGE GRESPAN**



Opinião:
entrevista com **OSVALDO COGGIOLA**

POLITIZANDO **Editorial**



Diante das celebrações mundiais do bicentenário de nascimento de Karl Marx, o Boletim POLITIZANDO não poderia deixar de – em nome dos pesquisadores do NEPPoS/CEAM/UnB e do Grupo de Estudos Político-Sociais/POLITIZA, do PPGPS/SER/ICH/UnB – homenageá-lo, rendendo-lhe, nesta edição, um justo tributo ao seu monumental legado. Um legado, cujo traço revolucionário mais instigante foi o de dotar a classe trabalhadora de uma compreensão crítica da realidade capaz de subsidiá-la a transformar o mundo que a oprime como fatalidade. Isso sem falar de outros divisores de água que a obra de Marx representa, seja do ponto de vista epistemológico referenciado no materialismo histórico dialético, por ele ressignificado; seja por uma postura teórica científica, rigorosamente pautada por um método ditado pela dinâmica da realidade; seja ainda por infatigáveis atividades políticas seguidas da criação de organizações partidárias de caráter revolucionário. Para falar da grandeza e importância desta invulgar trajetória de vida e de pensamento crítico-fecundo, dois eminentes estudiosos de Marx ocupam, gentilmente, as páginas deste Boletim acadêmico: o professor Jorge Grespan, tecendo, com didatismo, reflexões elucidativas sobre a atualidade de Marx, e o professor Osvaldo Coggiola, explicando e dirimindo questões formuladas na seção de entrevista. A presença de ambos os professores, junto com uma equipe de colaboradores que incluem alunos autores das resenhas de livros e filme recomendados sobre Marx, não só engrandecem a iniciativa desta homenagem, mas estimulam, com o seu exemplo, a cooperação intelectual em torno de causas sociais de interesse comum.

Tome nota

04 a 07 / Jun. de 2019

XXIV Encontro Nacional de Economia Política: o Brasil nas disputas geopolíticas econômicas mundiais

Local: Vitória / ES

Informações:

<https://www.even3.com.br/enep2019/>

04 a 07 / Jul. de 2019

Marxism Festival 2019: a festival of socialist ideas

Local: Londres/Inglaterra

Informações:

<https://marxismfestival.org.uk/>

26 a 30 / Ago. de 2019

Marx e o Marxismo:

Marxismo sem tabus/ Enfrentando opressões

Local: Rio de Janeiro / RJ

Informações:

<http://www.niepmarx.blog.br/>

EXPEDIENTE

Editora-chefe: Camila Potyara Pereira **Comissão Editorial:** Maria Auxiliadora César, Potyara A. P. Pereira, Marcos César A. Siqueira, Carlos Lima, João Pedro Pereira de Queiroz, Juliana R. Lopes e Silva, Manuela S. Venâncio, Norberto J. Pinto Filho **Estagiária:** Louise Almeida Lima **Revisão:** Marcos César Alves Siqueira **Criação e Diagramação:** Camila Potyara Pereira **Imagem da capa:** Shutterstock **POLITIZANDO** (ISSN 1984-6223) é uma publicação quadrimestral do NEPPoS/CEAM/UnB. Todos os direitos reservados. Distribuição gratuita.



Núcleo de Estudos e Pesquisas em Política Social (NEPPoS/CEAM/UnB)

Universidade de Brasília - Campus Universitário Darcy Ribeiro – Pavilhão Multiuso I, Gleba A, Bloco A, Asa Norte. CEP: 70910-900. Brasília/ DF. Tel: +55 (61) 3107-5876.

Website: www.neppos.com **E-mail:** neppos.ceam.unb@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/NEPPoS.CEAM.UNB>



GRADUAÇÃO

Autora:

Helena Fragoso de M. Santiago

Orientador:

Prof. Dr. Reginaldo Guiraldelli

Data de Defesa:

Julho / 2015

Instituição:

Departamento de Serviço Social (SER) / Instituto de Ciências Humanas (IH) / Universidade de Brasília (UnB)

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA SOCIAL DE MARX PARA O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO

O Serviço Social emerge no trânsito do capitalismo concorrencial ao monopolista. Passa por diversas fases de seu desenvolvimento, assimilando concepções, ao longo do seu processo histórico, de cunho moralista, conservador, liberal, positivista e modernizador com adoção de técnicas. Culmina com a intenção de ruptura com o tradicionalismo e o conservadorismo e com a ruptura da alienação política. A profissão se aproxima da tradição marxista, assimilando, num primeiro momento, os vieses do marxismo vulgar, do sincretismo e da instrumentalização, havendo o início da superação deste processo com a aproximação às fontes marxianas e de intelectuais clássicos da tradição marxista. A Teoria Social de Marx revela-se fundamental para o Serviço Social por possibilitar uma apreensão da realidade na sua concretude, processualidade e contraditoriedade, com base nas determinações históricas, sociais, políticas e econômicas.

MESTRADO

Autor:

Olavo Antunes de Aguiar Ximenes

Orientador:

Prof. Dr. Marcos Severino Nobre

Data de Defesa:

Março / 2017

Instituição:

Departamento de Filosofia (DF) / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) / Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

APROXIMAÇÃO À CATEGORIA DE MODO DE PRODUÇÃO NOS GRUNDRISSE (1857-1858) DE KARL MARX

Este trabalho investiga a diferença entre modo de produção capitalista e modo de produção especificamente capitalista, a partir do conceito de capital fixo nos Manuscritos de 1857-58, conhecidos por Grundrisse, de Karl Marx. Marx, nestes cadernos, vincula internamente a categoria de modo de produção com o capital fixo, ao postular que este é o índice de desenvolvimento daquela. Para apresentar essa hipótese, partimos de uma seleção da literatura secundária sobre o assunto. Assim, baseados em Rosdolsky, encontramos a hipótese da centralidade do capital fixo. Isso implica não ler a trama conceitual dos Grundrisse a partir da trama conceitual de O Capital.

DOCTORADO

Autora:

Lilium dos Reis Souza Santos

Orientadora:

Prof^a. Dra. Potyara A. P. Pereira

Data de Defesa:

Dezembro / 2018

Instituição:

Programa de Pós-graduação em Política Social (PPGPS)/ Departamento de Serviço Social (SER)/ Instituto de Ciências Humanas (IH)/ Universidade de Brasília (UnB)

LEVIATÃ OU BEHEMOTH? VERSO E REVERSO DA RELAÇÃO ORGÂNICA ENTRE ESTADO E CAPITALISMO NA POLÍTICA SOCIAL

O objeto desta tese é a privatização das funções sociais do Estado capitalista brasileiro, resultante da necessidade do capitalismo de renovar constantemente o seu processo de acumulação, valendo-se não apenas da economia, mas também de funções sociais do Estado. Trata-se de uma investigação teórica fundamentada na tradição marxista, da qual se propugna a existência de relação orgânica entre Estado e capitalismo, com base em duas mediações: a presença do Estado nas relações de produção e reprodução do capital e a interação estatal com as classes sociais desse sistema. Depreendeu-se que este processo corresponde à exploração mercantil de serviços sociais vinculados ao Estado. Certificou-se a essencialidade do Estado para as relações de produção capitalista e tematizou-se os limites do Estado e da emancipação política burgueses, tendo como horizonte a emancipação humana.

A ATUALIDADE DE MARX



POR JORGE GRESPAN*

(Crédito: Ana Yumi Kajiki)

Em rápida sucessão, foram recentemente comemoradas duas datas significativas para a história do pensamento crítico social: os cento e cinquenta anos da publicação de *O capital* (1867-2017) e os duzentos anos de nascimento do seu autor, Karl Marx (1818-2018). Sempre polêmicos, autor e obra continuam despertando discussão calorosa entre adeptos e críticos. É que seu poder de explicação da estrutura da sociedade civil e de previsão do seu modo específico de desenvolvimento permanecem surpreendentemente atuais. Em vários dos seus livros e artigos, mas em especial em *O capital*, Marx detecta e analisa o germen de acontecimentos que só agora estamos vivenciando de modo pleno: a inversão da lógica da concorrência entre pequenas empresas pela cartelização dos enormes conglomerados industriais e financeiros; o processo gradativo de substituição de mão-de-obra por máquinas e técnicas cada vez mais complexas; a irradiação da forma de mercadoria a quase todos os produtos e relações sociais; o predomínio crescente da finança e do seu derivado especulativo sobre a criação de riqueza efetiva, gerando incerteza quanto ao futuro; e, por fim, as crises econômicas recorrentes e praticamente inevitáveis, como a que começou em 2008, cuja irrupção nem as políticas mais sofisticadas dos séculos XX e XXI conseguiram impedir. Todos esses fenômenos são antecipados e explicados nos três volumes de *O capital*.

Essa atualidade da obra, contudo, pode até dificultar a justa avaliação da sua importância. Pois a realidade que ela previu faz parte de uma experiência considerada hoje tão normal que dispensa explicações. As crises econômicas e suas consequências políticas parecem obra de circunstâncias naturais, como secas e enchentes, ou de má gestão administrativa; o poder do dinheiro e dos bancos como núcleo ao redor do qual gira toda a vida social parece um fato imutável; a existência de um “mercado de trabalho” no qual a maior parte das pessoas vende sua energia e seu talento parece algo inerente à qualquer forma econômica. Por isso, um dos objetivos centrais da crítica de Marx à sociedade que o capitalismo criou é justamente o de desmascarar os processos pelos quais as situações mais estranhas foram naturalizadas e, daí, aceitas sem restrição. O sistema capitalista, de acordo com a análise de

Marx, cria tais processos de inversão e se apresenta como se sempre tivesse existido, como se fosse baseado em qualidades universais e eternas do caráter humano. Assim, para Marx, criticar o sistema implica recusar essa falsa naturalidade, expondo a estranheza (*Entfremdung* em alemão) do mundo em que habitamos e no qual, sem saber por que, nos sentimos tantas vezes impotentes, despossuídos, estrangeiros.

Tais ideias, expostas desde o começo do trajeto de Marx como pensador crítico da sociedade civil, ganharam contorno cada vez mais claro com o avanço dos seus estudos sobre economia política, em especial os que realizou para a redação de *O capital*. Aqui não se trata apenas do conceito geral de “alienação”, como no seu manuscrito sobre a *Ideologia alemã*, e sim de explicar também o funcionamento de mecanismos complexos pelos quais os processos sociais se autonomizam dos agentes que os põem em marcha e passam a comandar a vida cotidiana de todos. Trata-se, como se sabe, do conceito de “fetichismo”, exposto já no primeiro capítulo de *O capital* como explicação do fato de que a relação entre sujeito e objeto apareça invertida na sociedade capitalista. Nela, o “sujeito”, no sentido da força que comanda os processos sociais, não é mais o ser humano, e sim os próprios processos sociais autonomizados, que deixam de ser mero “objeto” resultante da ação e passam a dominá-la. Já no nível da forma social mais simples em que se organiza o capital, a mercadoria, ocorre essa inversão de sujeito e objeto, na medida em que os produtores privados só entram em contato social mediante a troca do produto dos seus trabalhos. Por isso, a sociabilidade entre os produtores é regida por essa troca e pelo valor que eles atribuem aos produtos trocados. Contudo, o mais interessante e menos conhecido é que essa estrutura fetichista não se limita à mercadoria.

Ao contrário, Marx demonstra que, a partir dessa forma simples de fetichismo, desenvolvem-se as formas do fetichismo do dinheiro e do capital. No primeiro caso, trata-se do papel que o dinheiro desempenha como equivalente universal do valor de todas as mercadorias; algo simples, mas que se configura de maneira a apresentar o dinheiro como quem atribui valor às mercadorias, quando são elas que atribuem valor ao dinheiro. Essa nova inversão faz com que, nas palavras de Marx, “o possuidor de dinheiro carregue seu poder social no bolso”; isto é, faz

que o dinheiro pareça atribuir valor às próprias pessoas que o possuem, e não que sejam elas a conferir socialmente poder a ele. Mas o fetichismo do dinheiro ainda é simples comparado à forma mais complexa e poderosa do fetichismo do capital. Na sociedade na qual excedentes de valor são obtidos já na esfera da produção de mercadorias, e não na esfera comercial, é o capital industrial que comanda o trabalho: ele dá “emprego” ao trabalhador; ele divide as tarefas e cria as especializações profissionais; ele desenvolve a técnica com o intuito de tornar o trabalhador mais produtivo, ou seja, capaz de produzir uma quantidade maior de mercadorias na mesma unidade de tempo. A forma mais conhecida do fetichismo do capital, que é o do capital financeiro, é apenas uma consequência, um derivado, dessa forma primitiva do fetichismo do capital investido na produção.

A sociedade civil, no entanto, esconde o poder decisivo do capital, esconde ser ela mesma fundada por esse poder que se constitui na exploração da força de trabalho para obtenção de excedentes de valor e de riqueza. Ela se afirma, ao contrário, como plenamente justa e harmônica, baseada na igualdade de todos como sujeitos de direito e na liberdade de todos como agentes capazes de ir e vir, de expressar suas opiniões etc. Por trás dessa camada de realidade, que em nenhum momento Marx afirma ser mera ilusão, ele descobre outra camada, que se caracteriza pela desigualdade social entre proprietários e não proprietários dos meios de produção. Ambas as camadas coexistem, mas a da igualdade e da liberdade jurídica não é a essencial, é somente a cobertura legal que garante a reprodução da camada de desigualdade social, esta, sim, essencial ao sistema capitalista. Desigualdade e igualdade, portanto, convivem e se determinam reciprocamente. São termos opostos que se negam e, ao mesmo tempo, afirmam, em uma relação que Marx concebe como uma dialética efetiva. Revelar essa dialética é o eixo de sua crítica à sociedade civil.

A partir desse eixo, Marx explica as formas pelas quais o que chama de “modo de produção” capitalista engendra as formas do que chama de “modo de representação” capitalista. Esse conceito, menos conhecido que o anterior, é enunciado em algumas passagens do Livro III de *O capital*, mas é desenvolvido no conjunto da obra como uma explicação ampla dos processos de inversão que o capital forja para ocultar a camada da desigualdade social por debaixo da camada da igualdade jurídica. A “representação” se baseia nas práticas sociais reiteradas no cotidiano da economia capitalista, como o uso do dinheiro para mediar as trocas de bens e serviços, ou da busca de “emprego” pelo trabalhador que sabe ser muito difícil trabalhar fora das funções

que o capital lhe dá. Esta dimensão prática determina a dimensão da representação como conjunto de ideias ou imagens mentais que os agentes têm do mundo em que vivem e atuam. Ao usar reiteradamente dinheiro, ao trabalhar sempre com a tecnologia e dentro das profissões criadas pelo capital, os agentes representam em sua consciência, individual e coletivamente, uma sociedade justa que só não teria existido nas épocas de tirania ou de exceção, uma sociedade que não pode ser superada por nenhuma outra.

Assim, de acordo com tais representações, as crises não podem levar ao fim do capitalismo nem podem advir do seu caráter contraditório. Elas podem, no máximo, ser vistas como resultado de algum desequilíbrio transitório e casual do sistema harmônico. Do mesmo modo, para o “modo de representação” capitalista, a liberdade individual deve se materializar na plena concorrência entre pequenos produtores ou comerciantes, sem levar em consideração o quanto a economia atual é, de fato, dominada por grandes conglomerados que limitam ou impedem o exercício da livre iniciativa e do dito empreendedorismo. Ou ainda, conforme a representação igualitária da sociedade civil, as instituições públicas e o Estado têm como meta a defesa de todos os indivíduos, sem que as desigualdades sociais tenham aí um peso efetivo e que o interesse privado dos grandes conglomerados capitalistas possa se sobrepor e impor.

Marx desmascara todo esse modo de representação ao mesmo tempo em que mostra como ele é formado e a quais interesses ele serve. Invertendo criticamente a representação capitalista, as crises são explicadas como fenômeno inerente e destrutivo do capitalismo; o caráter do Estado se revela como sendo o de instrumento do domínio da classe dos proprietários dos meios de produção, mais do que de garantia da igualdade jurídica entre patrões e empregados; a liberdade individual passa a ser entendida dentro da função que desempenha na lógica da reprodução e da acumulação de capital. Marx denuncia, assim, a impotência e a profunda alienação às quais são submetidos os indivíduos que julgam dispor livremente de suas vidas e destinos. Essa é a razão da enorme atualidade do seu pensamento, a razão pela qual ele ainda desperta tanto entusiasmo, de um lado, e tanto ódio e terror, de outro.

* **Jorge Grespan** é Professor Titular, desde 2018, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). É autor de “O negativo do capital” (Hucitec, 1998), entre outros livros e artigos.

Opinião: OSVALDO COGGIOLA



Foto Sedufsm / Arquivo

OSVALDO COGGIOLA é doutor em História Comparada das Sociedades Contemporâneas pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (1983). Atualmente é professor titular da Universidade de São Paulo (USP) na área de História Contemporânea.

POLITIZANDO: Responda sucintamente: quem foi Karl Marx e que contribuições ele legou à compreensão crítica do capitalismo?

Prof. Osvaldo Coggiola: Marx realizou uma *abstração* teórica da sociedade burguesa moderna, para depois se dirigir ao *concreto pensado*, ao capitalismo como etapa da história da sociedade humana e às suas diversas modalidades e fases históricas. A mais-valia, sua categoria definidora, é materialização de tempo de trabalho não pago, ou rendimento de trabalho alheio acumulado. O processo de produção capitalista é o processo de *produção* de mais-valia e, através da realização desta (pela venda das mercadorias) de *valorização* do capital. O motor da produção capitalista é a obtenção permanente de mais-valor; a origem do mais-valor é a exploração da força de trabalho transformada em mercadoria, correspondente à forma de apropria-

ção da riqueza social gerada pela relação entre proprietários e não proprietários dos meios de produção.

Na economia política clássica a distinção entre *valor de uso* e *valor* aparecia de modo incapaz de criar uma base para a compreensão da produção capitalista como uma forma particular e histórica. Na forma desenvolvida por Marx a lei do valor passou a ser o ponto de partida para uma teoria em que o trabalho não foi mais considerado de modo formal e unilateral mas em sua plena realidade material e como objeto principal da investigação científica. A teoria do valor de Marx deu conta do fator central da dinâmica do capitalismo, a forma social onde as coisas existentes se convertem *universalmente* em mercadorias. Nessa dinâmica é central a análise da exploração do trabalho e da concorrência entre os capitais. A compreensão conjunta dos dois fenômenos levou à concepção dos valores e dos preços efetivos, e de seu movimento, como a manifestação sintética dessa dinâmica. Os preços são a expressão monetária das quantidades ponderadas de trabalho que a reprodução social exige empregar para a reprodução de cada tipo de mercadoria. Cada preço individual se determina através das interações entre todas as mercadorias - incluída a força de trabalho humana -, e a do movimento de cada unidade de capital em busca do máximo lucro possível, possível a partir da livre exploração do trabalho como fato tendencialmente *universal*. O capitalismo se constituiu fazendo da potência do trabalho uma configuração social, criando uma classe

separada das condições e instrumentos do seu próprio trabalho e que só poderia existir vendendo sua capacidade de trabalhar. O desenvolvimento da indústria capitalista desqualificava crescentemente o trabalho (as habilidades concretas de cada trabalhador passaram a ser secundárias na medida em que se desenvolveu o maquinismo) tornando possível sua abstração teórica. Marx superou a concepção hegeliana, considerando o trabalho como mediador entre o homem social e a natureza e como fator primordial da autoconstrução da humanidade, o “fundamento ontológico do ser social”.

POLITIZANDO: Por que o interesse pela obra de Marx renasceu, inclusive entre as hostes burguesas, após ter sido decretada obsoleta com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e com o desmoronamento da União Soviética, em 1991?

Prof. Osvaldo Coggiola: O interesse pela obra marxiana renasce com a crise do capitalismo. É preciso distinguir o interesse do explorado na obra de Marx como arma teórica na luta anticapitalista e socialista, do interesse do burguês que flerta com Marx para incorporá-lo a um panteão do pensamento onde o gume revolucionário do seu trabalho aparece castrado. Faz-se de Marx um interessante teórico das crises, ignorando sua teoria do valor trabalho e desprezando sua teoria da revolução proletária, apresentada como “religiosa”, em contraste com sua teoria científica da dinâmica do capitalismo, uma suposta “contradição” que é apontada tanto por conservadores como por gente de “esquerda”.

POLITIZANDO: Que previsões anali-

ticas importantes, de Marx, ganharam nitidez no século XXI, principalmente a partir da crise financeira global de 2007/2008?

Prof. Osvaldo Coggiola: A teoria das crises, obviamente. O caráter orgânico (não aleatório) das crises econômicas no capitalismo, e o vínculo entre elas e as revoluções, foram claros para Marx e Engels desde a década de 1840. No Manifesto Comunista, afirmaram: “A sociedade burguesa, com suas relações de produção e de troca, o regime burguês de propriedade, que conjurou gigantescos meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar os poderes infernais que invocou. Há dezenas de anos, a história da indústria e do comércio não é senão a história da revolta das forças produtivas modernas contra as modernas relações de produção, contra as relações de propriedade que condicionam a existência da burguesia e seu domínio. Basta mencionar as crises comerciais que, repetindo-se periodicamente, ameaçam cada vez mais a existência da sociedade burguesa. Cada crise destrói regularmente não só uma grande massa de produtos fabricados, mas também uma grande parte das próprias forças produtivas já criadas. Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um paradoxo, desaba sobre a sociedade - a epidemia da sobre produção. A sociedade vê-se subitamente reconduzida a um estado de barbárie momentânea (...) O sistema burguês tornou-se demasiado estreito para conter as riquezas criadas em seu seio. E de que maneira consegue a burguesia vencer essas crises? De um lado, pela destruição violenta de grande quantidade de forças produtivas; de outro, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos. A que leva isso? Ao preparo de crises mais ex-

tensas e mais destruidoras e à diminuição dos meios para evitá-las”.

Marx deslocou o foco da interpretação dos economistas clássicos da esfera do consumo (a economia política clássica só entendia a produção como criação de valores de uso) para a esfera das condições de investimento e produção (criação de valor e de mais-valia). No volume III de *O Capital* afirmou que “o volume das massas de mercadorias criadas pela produção capitalista é estabelecido pela escala dessa produção e pelo imperativo da expansão contínua dela, e não por uma órbita predeterminada da oferta e da procura, das necessidades a satisfazer”. Com isso,

Marx realizou uma *abstração* teórica da sociedade burguesa moderna, para depois se dirigir ao *concreto pensado*, ao capitalismo como etapa da história da sociedade humana e às suas diversas modalidades e fases históricas.

Marx rompeu com a noção de equilíbrio econômico estático da Lei de Say, que tornava impossível as crises de caráter endógeno e principalmente as de sobre produção de valor e mais-valor, que seriam definidas por ele como a forma natural das crises capitalistas. Ele também estabeleceu a vinculação da crise econômica com a revolução política ou, nas palavras de Engels: “Marx extraiu, com toda

clareza, dos próprios fatos, o que até então não fizera senão deduzir semi-aprioristicamente de materiais insuficientes, isto é, que a crise do comércio mundial, ocorrida em 1847, fora a verdadeira mãe das revoluções de fevereiro e de março (de 1848)”. A compreensão de Marx associou-se ao novo tipo de crise que surgia no horizonte histórico. Embora cada crise apresentasse características próprias, correspondentes às conjunturas particulares, em geral se faziam notar pela contração brutal da economia, dificuldade de escoamento da produção industrial, queda dos preços, falências de empresas, quebra da bolsa, desemprego e redução dos salários. Novamente, não é possível separar a teoria marxiana das crises da sua teoria do valor (a produção de mais-valia) e da tendência por ele estabelecida do capital em direção de sua autodissolução.

POLITIZANDO: Que aspectos da teoria marxiana ajudam a explicar o domínio mundial da ofensiva neoliberal, associada à onda neoconservadora, desde a falência do regime keynesiano-fordista, nos fins dos anos 1970?

Prof. Osvaldo Coggiola: Nenhum aspecto em particular. A onda neoliberal deve ser compreendida em sua especificidade, com o auxílio do arsenal teórico de Marx. O neoliberalismo a partir de finais da década de 1970, foi postulado como “uma maneira de viver, sentir, pensar... O neoliberalismo define uma norma de vida nas sociedades ocidentais e em todas as que as seguem no caminho da ‘modernidade’. Essa norma impele todos a viver em um mundo de competição generalizada, incita às populações a entrar em luta econômica umas contra as outras, remodela as relações sociais de acordo com o modelo mercantil,

transforma até o indivíduo, chamada a conceber-se como uma empresa” (Christian Laval). Os produtos do neoliberalismo no campo da história econômica, porém, são de escasso valor teórico (os textos de Hayek e Von Mises continuaram a ser sua principal referência teórica). A mudança postulada pelo pós-modernismo e pelo “individualismo metodológico”, a tendência para a fragmentação do objeto e do método das ciências humanas, acompanhou a ofensiva neoliberal, mas não alterou decisivamente o quadro: o materialismo histórico e a crítica marxista da economia política ganharam, ao longo do século XX, a batalha do reconhecimento acadêmico.

Cabe dizer coisa semelhante das teorias pós-modernas da história. Fragmentar o objeto da história, considerando-o como um conjunto de “histórias” desconexas e independentes, não suscetíveis de compreensão ou “narração geral”, foi um procedimento que ganhou espaço na historiografia. Durante o *boom* econômico de pós-guerra o interesse no marxismo foi revivido em resposta à aparente capacidade do Estado de bem-estar keynesiano em gerenciar a economia nas sociedades capitalistas avançadas, e ao alegado ‘fim da ideologia’ que acompanhou o crescimento econômico. Os marxistas inicialmente buscaram provar que, não obstante o *boom*, os Estados contemporâneos não poderiam realmente suspender as contradições do capital e suas tendências à crise e que o Estado permanecia um fator chave na dominação de classe. A crítica marxista achou nesses anos prósperos do capital seu terreno mais acessível na sociologia e na ciência política. Em tempos mais recentes ganhou novo fôlego através da análise da economia mundial e da

acumulação de capital em escala global (a chamada “globalização” ou “mundialização”) e, sobretudo, pela



materialismo histórico nunca foi fórmula acabada, mas método para interpretar e subverter uma realidade histórica em perpétua mudança e suscetível ele próprio de mudança.

análise da crise, depois do estouro da crise econômica mundial em 2007-2008. As especificidades e diferenciações da humanidade se integraram cada vez mais numa dinâmica geral única que não eliminou sua multiplicidade; antes, acentuou e sublinhou suas diferenças e contradições (nacionais, regionais, de classe, de gênero, étnicas, sexuais). A era do capital fundiu em um conjunto único, aguçando suas especificidades, as contradições da história humana, criando, devido a essa interconexão geral, a possibilidade de uma emancipação humana universal que não seria concebível senão através da emancipação do trabalho assalariado.

POLITIZANDO: Para captar as determinações essenciais do capitalismo Marx realizou um trabalho científico. Concebeu um método que, para muitos de seus intérpretes, constituiu a parte mais consistente de sua obra. O que essa avaliação quer dizer?

Prof. Osvaldo Coggiola: Com a evidência das contradições da sociedade burguesa e a atividade de uma nova classe social, a classe operária, no cenário histórico, os aspectos críticos e materialistas da filosofia e da teoria social, que tinham um caráter fragmentado e empírico, atingiram estatuto teórico. A crítica geral das sociedades de classe não podia ser formulada senão numa época de desenvolvimento adulto da sociedade capitalista: somente nas condições próprias a uma época histórica onde, de um lado, a produção material tinha sido amplamente socializada (“a época que criou o individualismo como ideologia é, na verdade, precisamente aquela em que as relações sociais atingiram seu maior desenvolvimento”), e onde, por outro lado, a esfera da produção material fora completamente separada das outras esferas da vida social, as relações sociais originadas na produção material e a conexão entre essas relações e as condições políticas, jurídicas e ideológicas, podiam transformar-se em objeto de uma análise crítica. Seu núcleo epistemológico se constituiu a partir da premissa de que os homens produzem a si mesmos à medida que produzem socialmente as condições de suas vidas. A expressão “materialismo histórico” nunca apareceu na obra de Marx; só veio a ser usada por Engels quando a nova teoria começou a ganhar destaque.

Analisando as contradições da sociedade burguesa, concentrando-as na contradição inerente à mercadoria, fundamentando essa contradição não na propriedade privada em geral, mas no caráter “despossuído” do trabalho assalariado, expondo as leis de movimento da sociedade moderna, enfim, sustentando a crítica à ideologia contida nas formas da vida social e intelectual no caráter fetichista da mercadoria, a crítica da economia política ou “economia polí-

tica da classe operária” se constituiu como base teórica para a ação prática contra o capitalismo e pelo comunismo. Essa crítica foi realizada por Marx baseada em duas condições. A crítica à sociedade burguesa não se cumpriu como uma aproximação progressiva de uma “verdade” que residiria, em última instância, na base econômica, mas como momentos de uma unidade, como crítica da totalidade da vida social; não rejeitou simplesmente os resultados da investigação em cada um destes campos, mas os “superou” conservando seus conteúdos; a caracterização histórica da sociedade burguesa analisou em sua gênese e desenvolvimento as tendências que conduzi- am ao seu desaparecimento. A crítica do fetichismo mercantil explicou a subsunção à lógica de reprodução do capital: o comunismo seria sua expressão superadora.

POLITIZANDO: Por fim, pergunta-se: por que é importante ler Marx hoje?

Prof. Osvaldo Coggiola: A teoria marxista desenvolveu-se através de seu confronto com outras teorias ou pela análise das novas questões postas pelo desenvolvimento histórico. O caráter inconcluso do materialismo histórico não foi só produto das suas circunstâncias e percalços, ele fez parte de sua própria natureza, baseada na reinterpretação permanente da realidade para transformá-la. Nunca foi fórmula acabada, mas método para interpretar e subverter uma realidade histórica em perpétua mudança e suscetível ele próprio de mudança. Desde sua formulação, o materialismo histórico coexistiu com exigências e pressões contraditórias: 1) Seu necessário aprofundamento que, segundo Rosa Luxemburgo (em um breve artigo chamado *Avanços e Retrocessos do Marxismo*), só poderia resultar da sua con-

frontação com os novos problemas suscitados pela luta de classes, um enunciado que foi considerado restritivo e limitador por alguns autores marxistas (por deixar pouca ou nenhuma margem para a atividade puramente teórica); 2) Sua formalização e sistematização transformadas num “sistema”. A primeira exigência estava imbuída do perigo do dogmatismo e do fechamento teórico; a segunda, de sua formalização estéril. Nenhuma teoria autêntica,



marxismo

surgiu no quadro de uma efervescência revolucionária que não se limitou ao ativismo operário ou revolucionário (...) mas pôs no centro o debate acerca das perspectivas históricas da humanidade na sociedade dominada pelo conflito entre capital e trabalho.

porém, sobreviveu sem enfrentar e dar resposta a esse tipo de exigências. Sua pedra de toque seria o permanente confronto com a dinâmica social e seu vínculo com a luta das classes oprimidas. Nas palavras de Walter Benjamin: "A luta de classes, sempre presente no espírito de um historiador inspirado em Marx, tem

por objetivo as coisas concretas e materiais sem as quais as coisas do espírito, e todos os refinamentos, não poderiam existir. Mas elas não aparecem na luta de classes como a imagem de um prêmio a ser ganho pelo vencedor. Elas vivem no coração dessa luta como confiança, coragem, humor, astúcia e perseverança. Seu eco repercute na noite dos tempos passados. Elas virão sempre pôr em questão as vitórias das quais saíram os dominadores”.

No período em que o capital conheceu um auge econômico inédito (o terceiro quartel do século XIX, 1850-1875), sentando as bases de sua expansão mundial e, simultaneamente, as formas políticas de integração da classe operária ao seu regime social, Marx e Engels elaboraram as bases da análise da dinâmica histórica capitalista e de suas contradições. A doutrina que recebeu o nome de *marxismo* surgiu no quadro de uma efervescência revolucionária que não se limitou ao ativismo operário ou revolucionário, mas compreendeu também a crise das convicções otimistas a respeito do progresso ilimitado do capitalismo; a crise da sua crítica romântica, que animava as tendências dirigentes das revoluções de 1848; e, finalmente, na sua forma mais desenvolvida, a crítica às tendências para a adaptação das organizações sindicais e políticas da classe operária ao regime capitalista. Dai sua força teórica, que pôs no centro o debate acerca das perspectivas históricas da humanidade na sociedade dominada pelo conflito entre capital e trabalho, característica que manteve até o presente. Em 1881, pouco menos de dois anos antes de sua morte, uma revista londrina finalmente elencou Marx entre os líderes do pensamento de seu tempo, embora apenas no posto de número 23...

POLITIZANDO Recomenda

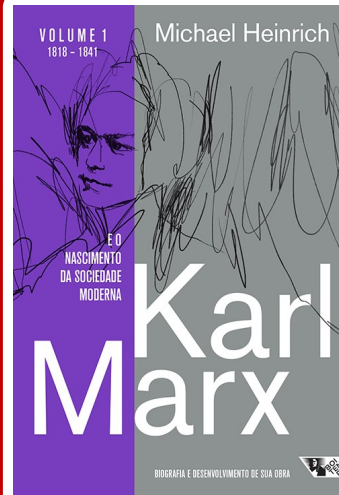


Em “Escritos Ficcionais” Karl Marx se mostra exatamente como sua filha Eleanor o descrevia: “era o mais alegre e divertido de todos os homens”. Escritos em 1837, quando Marx contava com apenas 19 anos, as duas ficções que compõem este livro, a peça de teatro *Oulanem* e o romance satírico *Escorpião e Félix*, ridicularizam os padrões e costumes burgueses; a nobreza e sua organização política, que manipula o governo; e a forma

como a intelectualidade se exibia de modo arrogante. Entretanto, em virtude do próprio caráter da obra, que se baseia em uma crítica da sociedade da época, não é possível compreender todas as referências satíricas deixadas por Marx. Além de várias alusões históricas e culturais do período, a obra conta com uma forte bagagem sentimental, já que foi escrita como um presente de Marx ao sexagésimo aniversário de seu pai. Esta edição da Boitempo Editorial, por seu turno, se constitui como uma tradução direta com notas explicativas que facilitam o entendimento dos textos em sua totalidade. Com traço escolar e inexperiente, mas já demonstrando a veia crítica do Marx, é uma obra que traz um lado pouco conhecido do grande pensador e os embriões de sua contundente análise social.

Referência: MARX, Karl. **Escritos Ficcionais:** Escorpião e Félix e Oulanem. São Paulo: Boitempo, 2018.

Por Ana Clara Granja
Estudante do 2º semestre de Serviço Social da UnB



O cientista político Michael Heinrich certamente não poupou esforços para fazer uma das mais completas obras biográficas sobre a vida e obra de Karl Marx. O trabalho publicado no Brasil pela editora Boitempo cobre a trajetória de vida do pensador alemão, de sua juventude ao auge de sua intelectualidade. Já no prefácio fica claro às intenções do autor com a

biografia, explicitando que a mesma não irá “cultuar uma personalidade. Marx não será colocado em um pedestal, tampouco será condenado. Nem a história nem o processo de formação de teorias importantes serão reduzidos, aqui, ao impacto de “grandes homens”. Trata-se de analisar o processo histórico em que Karl Marx se desenvolveu como pessoa, teórico, político e revolucionário, um processo em que ele atuou não apenas com a publicação de análises e comentários, mas também por meio da fundação de periódicos e do esforço para reformar organizações como a Liga dos Comunistas ou a Associação Internacional dos Trabalhadores.

Referência: HEINRICH, Michael. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna:** biografia e desenvolvimento de sua obra, vol. 1, 1818-1841. São Paulo: Boitempo, 2018.

Por Diogo da Silva Lopes
Estudante do 10º semestre de Serviço Social da UnB



Dirigido por Raoul Peck, o filme “O Jovem Karl Marx” retrata parte da trajetória e do brilhantismo de Karl Marx (interpretado por August Diehl) durante a sua juventude. Conhecido por sua intensa militância política e notório envolvimento no meio intelectual alemão em meados do século XIX, Marx, atuando como jornalista, engaja-se em denunciar as alarmantes condições de vida do proletariado prussiano diante do processo de Revolução Industrial, tornando-se, assim, alvo da censura e da perseguição política da época. Isso, posteriormente, levou o jovem alemão e sua família ao exílio. Exilado, Marx reencontra-se com Friedrich Engels (interpretado por Stefan Konarske), filho de um empresário industrial e responsável por expor, de forma primorosa, a situação da classe trabalhadora da Inglaterra. A marcável articulação teórica entre ambos e uma amizade crescente os levam a frequentar movimentos trabalhistas a fim de ressaltar ainda mais o antagonismo existente entre a burguesia e o proletariado, na esperança de presenciarem a sublevação dos oprimidos.

Referência: PECK, Raoul. **O Jovem Karl Marx (Le Jeune Karl Marx).** NTSC/COR/118min, 2017.

Por Bárbara Lins
Estudante do 7º semestre de Serviço Social da UnB